

PRÁTICAS de

Educação **PARA**

as Relações Étnico-Raciais

NA EDUCAÇÃO

INFANTIL

ELAINE HELOISA DE AMORIM
CRISTIANE MARIA RIBEIRO





INSTITUTO
FEDERAL

Goiano

Campus
Urutaí

PRÁTICAS de
Educação **PARA**
as Relações Étnico-Raciais
NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

ELAINE HELOISA DE AMORIM
CRISTIANE MARIA RIBEIRO





Este trabalho está licenciado sob CC BY-SA 4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/> © 2 por E

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

AMORIM, Elaine Heloisa de
Práticas de Educação para as Relações Étnico-Raciais
na Educação Infantil / Elaine Heloisa de AMORIM;
orientadora Cristiane Maria Ribeiro. -- Urutai, 2023.
53 p.

Produto Educacional (Stricto Sensu) Mestrado em Programa
de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica) --
Instituto
Federal Goiano, Campus Urutai, 2023.

1. Implementação da Lei 10.639/03. I. Ribeiro, Cristiane
Maria, Orient. II. Título.

Responsável: Johnathan Pereira Alves Diniz - Bibliotecário-Documentalista CRB-1 n°2376



Sumário

Apresentação	5
Introdução	6
Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil	9
A Lei 10.639/03	13
Documentos Norteadores	15
Atitudes que transformam	21
Práticas Pedagógicas: ações antirracistas	23
Estratégias pedagógicas para a EREER na Educação Infantil	42
Não replique estereótipos	47
Considerações Finais	48
Referências	49

APRESENTAÇÃO



Caro(a) Professor(a),

Apresentamos esse guia contendo práticas para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil. É um Produto Educacional desenvolvido como parte da dissertação de Mestrado de Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano, Campus Urutaí, nomeada de Práticas Pedagógicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil.

O objetivo é propor práticas para a educação das relações étnico-raciais na educação infantil, vislumbrando nas crianças agentes potenciais que através do reconhecimento da história e cultura afro-brasileira e africana, potencialize e projete uma sociedade sem preconceitos, antirracista e a começar na escola.

As sugestões estão considerando à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), às Diretrizes da Educação Infantil e às Diretrizes da Educação para as Relações Étnico-Raciais, garantindo os direitos e objetivos de aprendizagem previstos, reconhecendo as possibilidades e características de aprendizagem dessa etapa da educação básica.

Propomos não só envolver às crianças, mas também você, professor, na luta antirracista, pautadas na ação educacional e pedagógicas. Reafirmando o que a Diretriz Curricular para a Educação das Relações Étnico-Raciais: “A luta pela superação do racismo e da discriminação é tarefa de qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política” (2004, p. 16).

É nosso desejo que este material contribua para a formação dos/as profissionais da educação infantil, desenvolvendo práticas exitosas direcionem para uma educação antirracista. Esperamos que este produto educacional seja um recurso didático que possa auxiliar você, professor(a) da Educação Infantil, em seus planejamentos e práticas de ensino.

INTRODUÇÃO



A Lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" na educação básica, foi implementada em 2003, é decorrente de uma alteração do artigo 26A da Lei 9.396/96. A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, então é necessário que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da Cultura Afro-Brasileira e Africana, sejam, de fato, conhecidas e implementadas, já que direcionam as ações e propiciam a compreensão de conceitos alusivos sobre a temática.

A pesquisadora Eliana de Oliveira (1994), pioneira na pesquisa sobre as Relações Raciais no âmbito da Educação Infantil, entendidas como aquela que ocorre em creches e pré-escolas, foi enfática ao afirmar a marginalização da criança negra, onde a trajetória educacional de pior qualidade é ofertada a elas.

Já Eliane Aparecida de Godoy (1996), discorreu, também, sobre ideologias preconceituosas, cristalizadas pela sociedade que afetam a autoestima, a autoimagem e o autoconceito da criança negra. As sequelas no desenvolvimento infantil podem ser, se não total, pelo menos parcialmente amenizadas a longo e médio prazo, se a instituição escolar e o educador estiverem despertos, proporcionando condições para que as

crianças expressem seus sentimentos, suas ideias a respeito dos fatos, conheçam a real história de suas origens e sejam valorizadas e integradas à sociedade.

No entanto, Lucimar Rosa Dias (1997) reiterou sobre o prejuízo educacional da criança negra ocasionado pelo preconceito. Embora reconheça haver dificuldades em discutir e trabalhar as questões raciais na escola, que podem ser sanadas pela formação do professor.

A escola pode transformar a realidade racial, se mais bem sistematizados, incorporados na linguagem da pré-escola.

Eliane Cavalleiro (1998) observou as práticas pedagógicas dos professores da Educação Infantil, além de associar as ações preconceituosas ao contexto social da família, concluindo que existe um silenciamento nesses espaços sociais. As crianças negras e não negras reproduzem falas e ações preconceituosas, não se veem representadas e valorizadas nos espaços escolares.

Diante do exposto, pelas pioneiras na pesquisa, sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais, concluímos que é necessário redirecionarmos nossas ações, nortearmos a prática pedagógica alusiva a educação das relações étnico-raciais na educação infantil, considerando que “o negro não é tão somente o tom da pele, mas política, aqueles que reconhecem sua ascendência africana”.

Para tanto é preciso haver reparação, reconhecimento e valorização da história do povo negro, cultura e identidade associadas ao contexto de aprendizagem escolar. Por isso, esse produto traz informações sobre a formação de professores para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil, além de práticas pedagógicas para essa faixa etária.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL



Dentre as razões que justificam a necessidade de se debater e trabalhar sobre as relações étnico-raciais na Educação Infantil diz respeito ao preconceito que ainda é existente na sociedade contemporânea. Isto é demonstrado por uma pesquisa feita por Teles (2010), a qual diz que no ambiente escolar nem sempre ações de cunho racista são tratadas adequadamente, o que pode resultar na ideia de que a desigualdade é algo natural e não necessita ser debatida.

Numa linha de raciocínio semelhante, Araújo (2015) estudou as relações étnico-raciais na educação infantil e percebeu que tanto para as mães de alunos como para as professoras, o preconceito existe e pode afetar a autoestima de crianças negras. Esta questão racial pode fazer com que a ideia de igualdade entre as pessoas defendida pela Carta Magna (BRASIL, 1988) seja relegada a um segundo plano pelas próprias crianças.

Trinidad (2011) demonstrou isto em sua pesquisa, onde foi possível perceber que características como a cor da pele e de cabelo típico de quem é branco é um estereótipo desejado por crianças negras que se sentem inferiorizadas. Apesar da existência de legislações que vão além da Constituição Federal (BRASIL, 1988), como, por exemplo, a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), a qual estabelece a obrigatoriedade do ensino tanto da história como também da cultura afro-brasileira na educação básica, o percurso para a consolidação das relações étnico-raciais numa perspectiva menos preconceituosa e mais plural ainda é permeado por barreiras a serem suplantadas.

A razão para isso pode ser explicada pelos problemas que são envolvidos na promoção das relações étnico-raciais na educação infantil. São eles:

- a) manutenção do “mito” da democracia racial;
- b) ausência de formação, e;
- c) falta de conhecimentos mais apropriados e aprofundados sobre as relações étnico-raciais.

Estes problemas devem ser enfrentados de forma assertiva, uma vez que a educação infantil à luz da pluralidade pode ajudar na construção de um pensar e agir mais conexo com uma sociedade antirracista e mais justa para todos (DAMACENO; ANJOS; ARAÚJO, 2023).

Embora a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) reconheça a necessidade de agregação da história e cultura afro-brasileira na educação básica, ainda há muito por ser feito em prol de um ensino sem preconceitos. Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) trouxe em seu teor a necessidade de as escolas fazerem com que os alunos possam conviver e experienciar outras culturas. Todavia, a feitura destas recomendações na prática por parte das escolas na educação básica é envolta em dificuldades e desafios.

Para que haja uma educação que possa de fato reconhecer a diversidade e ser pluralista e antirracista, é necessário que outros pontos além da legislação sejam trabalhados. Dentre estes itens, é oportuno mencionar a formação docente, tanto inicial como também a continuada, materiais didáticos adequados e a escuta das crianças numa perspectiva sensível a sua realidade (SANTANA; NOGUEIRA, 2023).

Um estudo feito por Vanzuita (2013) numa instituição escolar infantil chegou nas seguintes conclusões: há necessidade de aprofundamento das práticas pedagógicas no contexto das relações étnico-raciais.

Diante deste cenário, falar sobre as relações étnico-raciais na educação infantil significa romper com o padrão social onde os negros são vistos como seres superiores aos brancos (SOUZA; DIAS; SANTIAGO, 2017). Não apenas o preconceito racial, mas também demais tipos de discriminação focalizados nas características fenotípicas das pessoas são males que ainda estão presentes em nossa sociedade (SANTANA; NOGUEIRA, 2023).

Para combater as práticas racistas na educação infantil é necessário e a escola é um ambiente propício a esta finalidade, onde ações voltadas para contemplar e respeitar as diferenças, bem como a reflexão sobre estas relações devem ser valorizadas constantemente.

Em determinados contextos, é mais cômodo para as instituições de educação infantil fingir que não há preconceito e racismo. Nestes casos, o que há é uma ausência de vontade para enfrentar tais problemas, sendo o silêncio e a neutralização os caminhos mais cômodos, uma vez que ainda é flagrante a dificuldade destas instituições em lidar com as diferenças (GOMES; VIDEIRA; COUTINHO, 2023).

Ocorre que este caminho da indiferença aos problemas não é a melhor resposta que as escolas podem dar a manifestação do racismo. Além do cumprimento da legislação pertinente (BRASIL, 2003), é necessário também observar o aspecto relacional das crianças que são vitimadas com atitudes preconceituosas. Isto é explicado pelo estudo feito por Pessoa e Aves Neto (2019), o qual diz que o desenvolvimento afetivo, social e emocional destas crianças é impactado negativamente. Isto somado com a postura de omissão de algumas escolas acaba potencializando a questão da força da branquitude, termo este utilizado para se referir a uma suposta superioridade branca com relação aos negros (CARDOSO, 2018).

Um ponto a ser destacado diz respeito às propostas pedagógicas, tema este que é correlato com a organização curricular. Em sua pesquisa, Cardoso (2018) diz que os currículos são um tema complexo no campo da educação, pois estão envoltos em interesses de grupos di-

ferentes, os quais nem sempre compartilham das mesmas ideias e valores. Por sua vez, Gomes, Videira e Silva (2023) explanam que a escola é um ambiente muito propício para a formação de identidades sob a égide da interface entre as diferenças.

Neste sentido, uma forma de se trabalhar estas identidades culturais é a realização de atividades voltadas para esta finalidade. O estudo feito por Barbosa (2019) indica o desenvolvimento de brincadeiras à luz da ludicidade representa um caminho viável a ser considerado pelas escolas de educação infantil numa perspectiva pluralista de ensino, com o devido respeito à cultura afro-brasileira (BRASIL, 2003).

É importante pontuar que o desenvolvimento destas atividades deve ressaltar a contribuição do povo negro no processo cultural brasileiro. Souza (2023) chama a atenção para que as ações que envolvem contação de histórias sobre a formação da população brasileira não deve esconder os problemas decorrentes da dominação branca sobre os negros, bem como ressaltar a necessidade do respeito às diferenças.

A LEI N° 10.693/03



A Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) determina a obrigatoriedade do ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira na educação básica. Esta legislação foi implementada no primeiro ano de mandato de Luís Inácio Lula da Silva e representa um importante avanço no combate ao racismo. Por conta da promulgação desta lei, foi necessária a realização de uma mudança na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), mais precisamente, em seu artigo 26A.

Sugerimos amparados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-Raciais, proposituras para a implementação da Lei 10.939/03, que perpassam por:

Afroambientes: como preparar ambientes que contemplem a diversidade brasileira, possibilitando o reconhecimento e a representatividade. Um espaço onde se possa aprender sobre afrodescendência, cultura, identidade e faça com que a criança da educação infantil se sinta pertencente ao espaço escolar.

Afroliteratura: alguns livros para a faixa etária de 0 a 5 anos que traz propostas de ler o mundo da criança negra, dentro dos contextos do protagonismo, identidade, autoafirmação, empoderamento, cabelo, cor e representatividade.

Manifestações Corporais: através do corpo a cultura se manifesta, no jongo, capoeira e no samba de roda, todas essas heranças culturais africanas.

Ainda, utilizando de mapas, imagens, construções de autorretratos com diversos recursos, conhecendo a história africana e suas vestimentas, acessórios e cores., demonstrando as diversas possibilidades para se implementar a Lei 10.639/03 na Educação Infantil.

DOCUMENTOS NORTEADORES





EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS - ERER

A **Educação das Relações Étnico-Raciais - ERER** são ações educacionais direcionadas à reparações, reconhecimento e valorização da história do povo negro, da cultura e identidade associadas ao contexto de aprendizagem escolar.



LEI 10.639/03



Determina a obrigatoriedade do ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira" na educação básica, foi implementada em 2003, é decorrente de uma alteração do artigo 26A da Lei 9.396/96.

O artigo 26A estabelece que nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

DIRETRIZES PARA A CREG

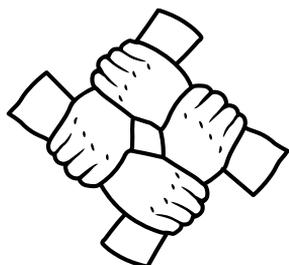
Estabelece que as instituições de Educação Básica, inclusive no nível de Educação Infantil, providenciem:

- Registro da história não contada dos negros brasileiros, tais como em remanescentes de quilombos, comunidades e territórios negros urbanos e rurais.

- Apoio sistemático aos professores para elaboração de planos, projetos, seleção de conteúdos e métodos de ensino, cujo foco seja a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Educação das Relações Étnico-Raciais, mas que não se ocupem da temática apenas em épocas esporádicas do ano, tais como Dia da Consciência Negra - 20 de novembro, nem tampouco que se limite aos conteúdos de História e Arte.

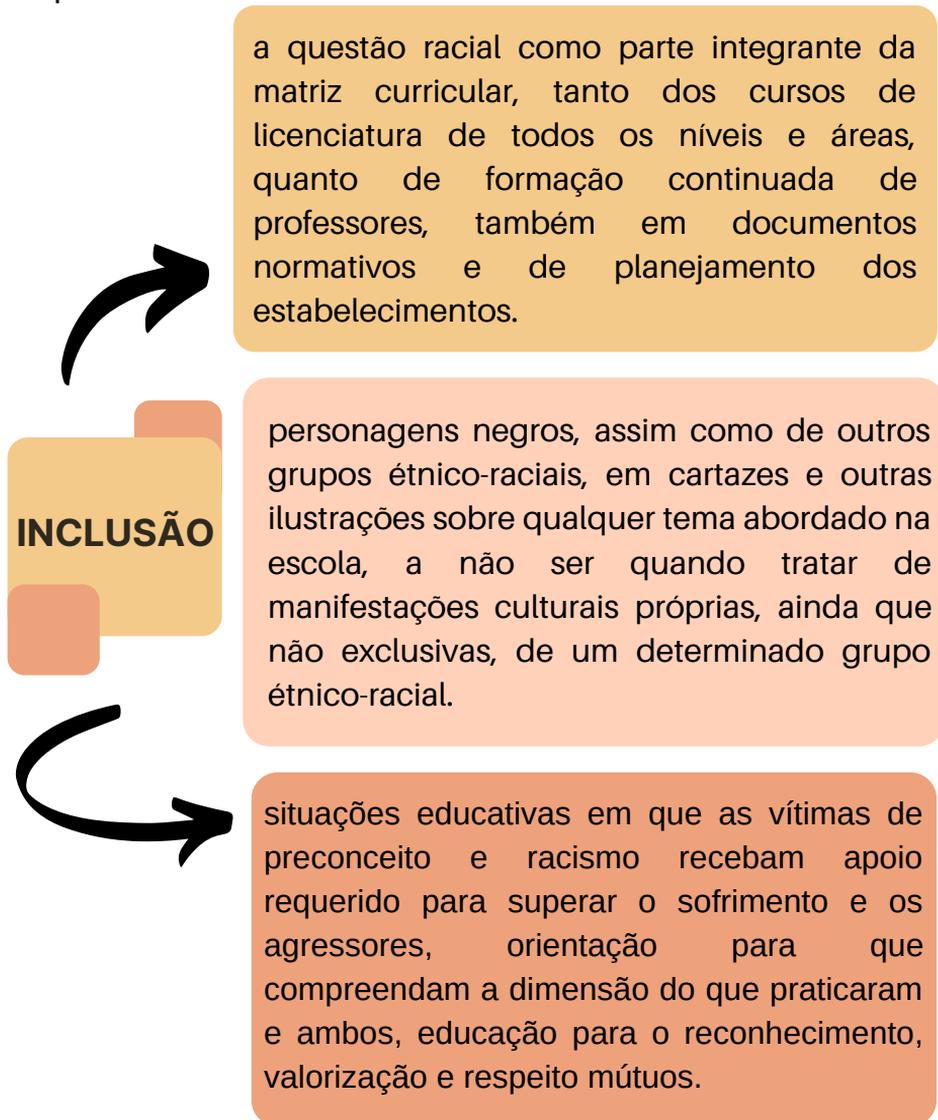
- Mapeamento e divulgação de experiências pedagógicas de escolas, levantamento das principais dúvidas e dificuldades dos professores em relação ao trabalho com a questão racial na escola e encaminhamento de medidas para resolvê-las.

- Articulação entre os sistemas de ensino, visando à formação de professores para a diversidade étnico-racial, para atender ao disposto neste parecer quanto à Educação das Relações Étnico-Raciais e ao determinado nos Art.26 e 26A da Lei 9.394/1996.



DIRETRIZES PARA GERER

A diretriz para a educação das relações étnico-raciais dispõe sobre:



INCLUSÃO

a questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura de todos os níveis e áreas, quanto de formação continuada de professores, também em documentos normativos e de planejamento dos estabelecimentos.

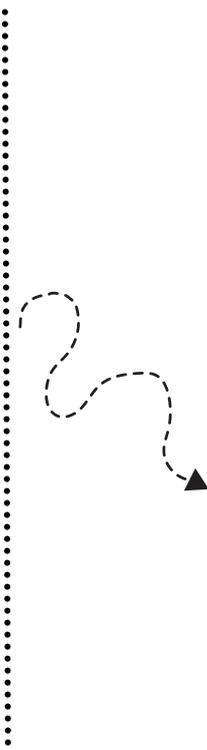
personagens negros, assim como de outros grupos étnico-raciais, em cartazes e outras ilustrações sobre qualquer tema abordado na escola, a não ser quando tratar de manifestações culturais próprias, ainda que não exclusivas, de um determinado grupo étnico-racial.

situações educativas em que as vítimas de preconceito e racismo recebam apoio requerido para superar o sofrimento e os agressores, orientação para que compreendam a dimensão do que praticaram e ambos, educação para o reconhecimento, valorização e respeito mútuos.

DIRETRIZES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Propõem que as práticas pedagógicas: ofertem condições e recursos; possibilitem a convivência plural; promova a igualdade de oportunidades, principalmente, culturais e às possibilidades de vivência da infância; construa novas formas sociais, lúdicas, democráticas, sustentáveis e rompa com a dominação etária, socioeconômica, ÉTNICO-RACIAL, de gênero, regional, linguística e religiosa (2010, p. 17).

Também que haja propostas pedagógicas sobre o histórico-culturais dos povos indígenas e afrodescendentes e que assegurem o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação (p. 19 a 21).



PNE - 2014 A 2024 - EDUCAÇÃO INFANTIL ERER



Estabelece como meta que até 2.024: Universalização da Educação Infantil, na pré-escola (4 e 5 anos) e ampliação de oferta de vagas em creches (até 3 anos). Ainda, igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. O desafio de municípios é quanto a busca de crianças, a aparelhagem e a formação de professores, ainda que haja articulações complementares das áreas da educação, saúde e assistência social, como garantia de desenvolvimento integral, sobretudo, as mais pobres.

A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA BNCC

A educação étnico-racial na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil retroage, principalmente, comparando as Diretrizes para a Educação da Infância (2010). As Diretrizes para a Educação Infantil trazem como propositura o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação, como já foi citado logo acima, enquanto a BNCC menciona os direitos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil apontem o “respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas” (BRASIL, 2018. p. 38), esses direitos não trazem nenhuma menção específica (BRASIL, 2010, p. 21) a Educação para as Relações Étnico Raciais na Educação Infantil de forma abrangente e universal, não reforçando nos campos de experiências as práticas pedagógicas que poderiam ser contempladas nesse documento.



Atitudes que transformam

Rocha (2006) relaciona princípios norteadores para o trato da questão racial:



Proponha o estudo sobre a questão racial durante todo o ano letivo e não apenas a datas esporádicas e unidades didáticas isoladas

Reconhece e valorize as contribuições reais do povo negro, nos diversos contextos: sociais, culturais, experiências, valores

Combata as crenças de inferioridade e superioridade. Desconstrua conceitos e estereótipos que levam ao preconceito



Compreenda e conheça a história do povo negro, a trajetória, situação de marginalização, como currículo escolar, principalmente, as situações de desigualdade.

Extinga o uso de imagens estereotipadas do negro. Analise criticamente toda e qualquer referência sobre a imagem do negro no ambiente escolar.



REPENSE



A educação para as relações étnico-raciais não é um contexto exótico.



O povo negro é muito mais que apenas seus costumes, alimentação ou rituais festivos.



A metodologia antirracista deve primar pela compreensão das diversidades existentes entre os povos.



REFLITA



Utilize recursos que fortaleçam a auto-estima, o orgulho, e represente, de fato, o que é ser negro e suas potencialidades.

PENSE

Elimine falas que subjugam o povo negro ou que depreciam a cultura.



ee

Construa recursos e práticas pedagógicas que alcancem toda a comunidade escolar.



ee



REPENSE

As falas que respeitam e valorizam os negros, sensibilizam e possibilitam o reconhecimento da identidade.

ee

A escola em formação permite a ampla discussão, confecção, reflexão sobre o multiculturalismo.

6



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: ações antirracistas



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS



A Prática Pedagógica acontece em diferentes espaços/tempos da escola, cotidianamente, no envolvimento de professores e alunos. Elas estão envoltas em diversas estratégias criativas, as quais espelham as condições do docente.

As ações práticas fecundas abrem caminho para o sujeito- professor refletir, no plano teórico, sobre a dimensão criativa de sua atividade, ou seja, sobre sua práxis (AGUIAR, 2023). De acordo com Nóvoa (2019), os professores devem não só aprimorar os conhecimentos sobre suas respectivas disciplinas, mas também aprender novos saberes que possam agregar valor ao seu trabalho docente.

Neste sentido, o presente material sugere práticas que perpassam pelo direito de aprender interagindo e brincando, acreditando que educar para as relações étnico-raciais desde a infância é parte da construção de uma sociedade menos desigual. Isto é relacionado com um estado de coisas onde as pessoas sejam tratadas com igualdade e tenham condições de viver uma vida digna (BRASIL, 2006).

A Prática Pedagógica acontece em diferentes espaços/tempos da escola, cotidianamente, no envolvimento de professores e alunos. Está envolta de diversas estratégias criativas, que espelham as condições do docente.

As ações práticas fecundas abrem caminho para o sujeito-professor refletir, no plano teórico, sobre a dimensão criativa de sua atividade, ou seja, sobre a práxis (HELLER, 1977).

Então, sugerimos práticas que perpassam pelo direito de aprender interagindo e brincando, acreditando que educar para as relações étnico-raciais desde a infância é parte da construção de sociedade mais justa, na qual todas as pessoas sejam igualmente consideradas, assegurando-lhes igualdade de condições de vida (BRASIL, 2006, p. 22).



AQUI VOCÊ VAI ENCONTRAR



Reconhecimento
afrodescendente
práticas infantil
representatividade
Literatura Formação
ERER cabelo **COR** identidade
Potência afroambientes
pedagógicas
Lei 10.639/03
ancestralidade





AFROAMBIENTES



Promover um ambiente que reflita a diversidade, de acolhida, que proporcione que a criança aprenda sobre sua cultura, história, identidade, se sinta representado.

A promoção de um ambiente que seja propício para promover as reflexões sobre a diversidade perpassar pela promoção da acolhida, de maneira que as crianças aprendam sobre sua cultura, sua história e identidade. Ao invés da exclusão que costumeiramente é vista em forma de preconceitos (SANTANA; NOGUEIRA, 2023), a ideia dos Afroambientes busca despertar um sentimento de pertença e representatividade da cultura e da história afro-brasileira.

A diversidade é trabalhada com a superação do estereótipo dos brinquedos onde somente pessoas brancas são retratadas. A cultura negra é valorizada neste sentido e o fato de brinquedos onde pessoas brancas e negras são retratadas e dividem o mesmo espaço é uma forma de se trabalhar junto às crianças a ideia de igualdade entre os indivíduos, bem como a necessidade do respeito e convívio com as demais culturas (BRASIL, 1988; 2018).

Nos ampararemos em MELO (2020), na propositura de construir ambientes que reflitam, dialogam e permeie a afrodescendência, tais como:



Utilize

pelo menos a metade das imagens que enfeitam a instituição com personagens negros.

Aposte

em personalidades negras/os em posição de prestígio nacional e mundial, conte sua história, mostre sua imagem, reforce a identidade negra;

Apresente

nos espaços da instituição e de sua sala as imagens de estudantes negros e suas famílias, especialmente aqueles que fazem parte da comunidade escolar;

Valorize

as produções de artes das crianças, faça a releitura de artistas plásticos negros;

Cante

músicas do repertório africano.

Proporcione

rodas de músicas, brincadeiras, histórias orais, histórias africanas e afrobrasileiras;

Construa

objetos musicais e brinquedos africanos e afrobrasileiros para que as crianças tenham oportunidade de diariamente manipulá-los e saber de sua origem;

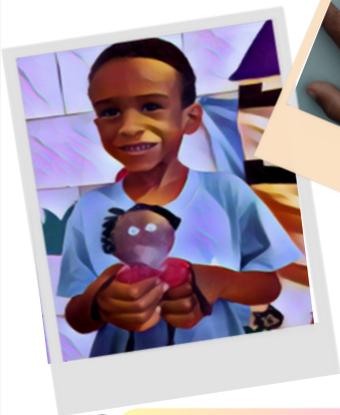
Apresente

as crianças bonecas e bonecos negros que tenham uma diversidade de tons de pele e que seja atrativo tanto quanto as bonecas brancas, para a criança brincar todos os dias;



Proponha

a criação de autorretrato, permitindo que a criança possa se representar, inclusive o cabelo e o tom de pele, utilizando diversos materiais: massinha, tinta guache, TNT, lápis de cor, entre outros. Inclusive misturando a cor preta e marrom para chegar a tonalidade correta do seu tom de pele.



Inspire-se

em produções artísticas, músicas, desenhos e filmes infantis em que os personagens negros sejam protagonistas de sua própria história;



Veja Mais



Apresente

diferentes literaturas infantis de artistas negros que falem sobre a negritude, seus ritos, contos e que as/os personagens negros/as sejam descritos sem estereótipos e com protagonismo;



Deixe

ao acesso das crianças materiais diversos para brincadeiras livres e para construção de brinquedos afirmativos;

Permita

que as crianças tenham acessos a diferentes fantasias que também contemple a diversidade, como reis e rainhas ou heróis e heroínas africanos;

Disponibilize

espelhos e incentive as crianças a se olharem e enaltecem seus traços físicos de forma positiva e igualitária em relação as crianças brancas;



Fonte: <https://lunetas.com.br/falta-de-representatividade-negra-afeta-todas-as-criancas/>

O afroambiente supera as histórias fraturadas e estereotipadas contadas sobre a negritude, ao apresentar a história de resistência e potência de nossos ancestrais (MELO, 2020, p. 124)



AFROLITERATURA



Valorizar a diversidade étnico-racial, possibilitando a representatividade, o protagonismo negro na literatura infantil.



Um dos itens necessários para o desenvolvimento das crianças diz respeito a leitura. Todavia, nem sempre esta habilidade é trabalhada de forma profícua, o que pode prejudicar o desempenho dos estudantes nas séries seguintes de sua trajetória formativa. Daí a necessidade das escolas motivarem seus alunos para que se tornem excelentes leitores com vistas ao refinamento constante desta habilidade (FARRACHO, 2023).

No caso da afroliteratura, pode-se dizer que a intenção desta atividade é valorizar a diversidade étnico-racial, possibilitando a representatividade e o protagonismo dos negros na literatura infantil.

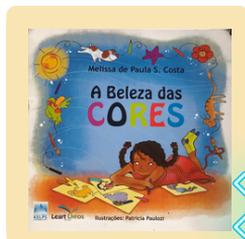
Para tanto, as seguintes atividades são sugeridas para esta finalidade:

- Cantinho de leitura com livros que ressaltam o protagonismo negro;
- Possibilitar a reflexão da identidade, da autoafirmação e do empoderamento étnico-racial.

Seja em obras literárias, seja em outras representações artísticas, como, por exemplo, os filmes, as histórias quase sempre são em torno de protagonistas brancos. A ideia com as atividades da afroliteratura é demonstrar que também há obras que inserem os negros na condição de protagonistas, o que pode ajudar a reforçar o empoderamento da comunidade negra à luz das relações étnico-raciais.

COR

A criança desde tenra idade, têm elementos para perceber diferenças nas reações, podendo associá-las ao pertencimento racial (BENTO, 2011, p. 23)



A beleza das cores
Melissa de Paula S. Costa
Editora: KELPS
24 páginas

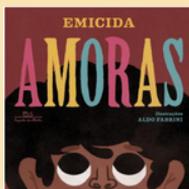
Elisa perde o lápis amarelo mesmo tendo outras tantas opções. Triste descobre que o lápis amarelo brigou com o azul, que teimou que era mais importante. Descobre que assim como os lápis, tem gente que se acha melhor que a outra devido à cor da pele.



É a celebração da vida e do crescimento de crianças negras de todo mundo. Utiliza palavras positivas que engrandece, com orgulho, o ser negro.



Ei, você! Um livro sobre crescer com orgulho de ser negro
Dado Adoia
Editora: Companhia das Letrinhas
56 páginas



Amoras
Emicida
Editora: Companhia das Letrinhas
44 páginas

Narra a história da menina que se descobre pretinha como as amoras, demonstrando a beleza de sermos quem somos.

Essas novas representações podem incidir e influenciar todo o ambiente escolar (BENTO, 2011 p. 19).

Para que as crianças interajam com narrativas de temática da cultura africana e afro-brasileira é necessário que elas tenham acesso a essa literatura (PEREIRA, 2019, p. 145).

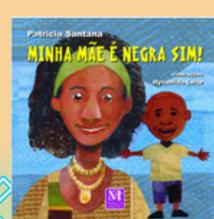
COR



Que cor é a minha cor?
Martha Rodrigues
Editora: Maza Edições
24 páginas

A menina compara sua cor com as folhas das amendoieiras, as pintas da jagatirica, a árvore mais linda da rua, ao cheiro do café. Percebe as diversas tonalidades que a cor negra de sua família possui. Conecta-se com a brasilidade, através das diversas tonalidades.

A professora sugeriu que Ênio colorisse a mãe de amarelo, o menino compreendeu que o racismo existe. Ele precisou compreender que as pessoas negras sofrem para serem aceitas.



Minha mãe é negra sim!
Patrícia Santana
Editora: Maza Edições
32 páginas



Meninas negras
Madu Costa
Editora: Maza Edições
24 páginas

Mariana gosta de sua cor. Dandara gosta de saber sobre a África e os animais. Luanda dança. Elas se enxergam no espelho da mãe África, de um povo resistente, que não desiste de ser feliz.

Maria recebeu um presente estranho, a cor não era a sua, mesmo sabendo que sua família era um arco-íris de tons marrons, percebeu que sua amiga não a reconhecia com seu tom de pele real, amparada por sua mãe fortaleceu sua imagem de linda e bela.



Da cor que eu sou
Andressa Reis e Stefania Magalhães
Editora: Matrescência
36 páginas

A infância é construída pela criança através de suas subjetivações do mundo e que refletem diretamente nos seus modos, nas suas ações, no seu falar, nas suas vivências e nas suas capacidades de produção e inventividade dentro de diferentes territórios (ABRAMOWICZ, 2009).

COR

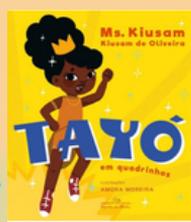
A observação de suas próprias práticas e atitudes poderá permitir rever sua postura e readequá-las em dimensões não-racistas (BRASIL, 2006, p. 37).



Lápis cor de pele
Sueli Ferreira de Oliveira
Editora: Casa Publicadora Brasileira
24 páginas

Crianças em grupo estão desenhando, a menina pergunta a professora em que parte do desenho ela deve usar o lápis rosa claro, a professora responde que para representar a pele. Em dúvida qual o lápis representaria a cor de sua pele a menina, a menina escolhe o marrom e mostra à professora que fica contente de a menina se descobrir negra tão pequena.

Tayo, da alegria, em iorubá, tem 6 anos e apresenta a potência de ser uma criança negra de 6 anos. Ela se reconhece através do espelho, das cores, do desejo de ser bailarina, de crescer como mulher negra que é muito mais do que pilotar um fogão.



Tayó em quadrinhos
Kiusam de Oliveira
Editora: Companhia das Letrinhas
24 páginas



Da minha janela
Otávio Júnior
Editora: Companhia das Letrinhas
48 páginas

De uma comunidade no Rio de Janeiro, o narrador observa o movimento através da sua janela. De lá vê cores, traços, gestos, objetos e bichos, principalmente, é capaz de perceber que a maioria das pessoas que moram ali são pobres e pretas.

Os contos orais são uma forma de olhar lançado ao mundo e aos seus fenômenos. Quando o estudante se aproxima dessa forma, ele pode resgatar valores de sua comunidade, de sua ancestralidade que foram se perdendo devido à colonização e a tentativa de branqueamento que o Brasil passou (ROCHA, 2021, p. 20).

CABELO

As instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou, pelo contrário favorecer a discriminação quando silenciam diante da diversidade (BRASIL, 2006, p. 44)



Entremeio sem babado
Patrícia Sanatana
Editora: Maza edições
36 páginas

Kizzy é uma menina muito perguntadeira, por isso recebeu o apelido de entremeio sem babado, pessoa que entra no meio de conversas alheias. O que mais se destaca em Kizzy é seu cabelo sempre arrumado, com contas, gominhas coloridas, trancinhas, birotas, rabo de cavalo, solto com baião-de-dois.

Para comemorar o aniversário do avô a família de Monifa decidiu escolher penteados para festejar. O livro traz a importância de se construir memórias, da passagem do tempo e dos rituais religiosos africanos, afrobrasileiros.



Com qual penteado eu vou?
Kiusam de Oliveira
Editora: Melhoramentos
48 páginas



O mundo no black power de Tayó
Kiusam de Oliveira
Editora: Peirópolis
46 páginas

Tayó tem orgulho do cabelo black power, que vai até ao céu. Na escola dizem que seu cabelo é ruim. Responde com ousadia que carrega o mundo nos cabelos, cheirosos, lindos e fofos.



Ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outras fazem-no simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo (GOMES, 2003, p. 44).



PARTE 1

- ✓ **Mostre opções de penteados afro**
- ✓ **Faça oficinas de penteados**
- ✓ **Conte histórias dos penteados.**
- ✓ **Estimule as crianças a se olharem no espelho.**

Para os colonizadores brancos e europeus, os africanos e afrodescendentes deveriam afastar-se dos seus referenciais de identidade. Por outro lado, o corpo racial deve ser visto como portador de diferenças: a cor da pele, a textura do cabelo, os penteados e os adornos de cabeça são marcar de pertencimento (OLIVA, 2008, p. 62)

CABELO



Meu crespo é de rainha.

Bell Hooks
Editora: Boitatá,
32 páginas

Um livro que exalta a estrutura, o cheiro, a forma do cabelo crespo, comparando-o ao algodão, a pétalas de flores. Nos diversos estilos que o cabelo pode ser colocado ele se transforma: moicano, trançado, volumoso, dando a inteireza de rainha.



Cora não está feliz, sua amiga disse para que ela use uma fita no cabelo para deixá-lo mais bonito. Procura por sua tia e demonstra sua inquietação. Lembra-se que é herança da sua vó, negra e africana. Recebe um conselho valioso: cabelo não se nega, nem debaixo de água fria.



O cabelo de Cora

Ana Zarco Câmara
Editora: Pallas
48 páginas



Antônia e os Cabelos que Carregavam os Segredos do

Universo
Alan Alves Brito
Editora: Artéria Editorial
36 páginas



Antônio mora na região nordeste do Brasil, carrega no corpo, no cabelo e nas memórias a herança afrodescendente. Em seus cabelos crespos está projetada toda a esperança de acesso ao conhecimento e a possibilidade de sucesso a caminho da utopia negra imaginada pelos seus ancestrais

As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito própria (BRASIL, 2006, p. 44).

Prática e Literatura na Educação Infantil

- ✓ Roda de conversa
- ✓ Levante hipóteses a partir da capa do livro
- ✓ Observe as características das personagens

- ✓ Explore o vocabulário oralmente
- ✓ Ilustre os personagens
- ✓ Confirme as hipóteses levantadas inicialmente.

BNCC

Práticas associadas ao campo de experiência:
O Eu, o outro e nós.

A literatura afro-brasileira, se usada de forma comprometida, tendo em vista a desconstrução de estereótipos e preconceitos racistas, pode ser uma grande aliada na formação da identidade étnico-racial, na valorização da cultura negra e no combate ao racismo (ROCHA, 2021, p. 65)



Afrodescendência

Nas comunidades tradicionais, principalmente, os ensinamentos são transmitidos de geração a geração pelos familiares, pela comunidade, pela escola, sobretudo por meio da oralidade, pelas histórias, lições e lembranças da vida (BRASIL, 2006, p. 42).



Solféjos de Fayola
Kiusam de Oliveira
Editora: Cultura.
56 páginas

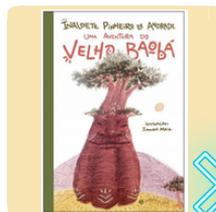
Fayola emite sons de instrumentos musicais tradicionais da cultura africana, os adultos têm que imitar e cujos nomes têm que adivinhar. Com rimas divertidas, os adultos entram na brincadeira.

O passinho, misturando ritmos do funk, da capoeira, do samba e do frevo conquista cada vez mais dançarinos e participantes apaixonados que levam às pistas, às competições e ao mundo um jeito único de dançar e de se expressar.



De passinho em passinho
Otávio Júnior
Editora: Companhia das Letrinhas
32 páginas

um velho baobá nativo das savanas da África decide atravessar o oceano Atlântico para encontrar os parentes em terras brasileiras. Relatos de luta pela sobrevivência e descaço, também de solidariedade e perseverança, destinadas a se transformarem no maior tronco do mundo.



Uma aventura do velho baobá
Inaldete Pinheiro de Andrade
Editora: Pequena Zahar
32 páginas

A sabedoria popular é fonte inesgotável de conhecimento (BRASIL, 2006, p. 43).

**P
r
a
t
i
q
u
e**

- ✓ Confeccione uma árvore genealógica
- ✓ Convide avós/negros da comunidade para contar a história deles
- ✓ Convide avós/negros das comunidades ensinar as crianças uma brincadeira



CULTURA AFRO...

Consoante Silva (2022), as discussões envolvendo a cultura afro-brasileira devem não apenas retratar as dificuldades enfrentadas pela comunidade negra na busca de seus direitos, mas também a sua inegável contribuição ao processo de formação da população brasileira.

Nestas iniciativas, o professor pode expor aos alunos a relevância da comunidade negra para o processo de construção da população brasileira, o que representa uma significativa contribuição na dimensão identitária deste povo (SILVA, 2022).

Com isso, os padrões equivocados que por vezes são reproduzidos tanto dentro como também fora dos muros da escola passam a ser repensados e questionados. Numa perspectiva á luz da legislação pertinente (BRASIL, 2003), a ideia equivocada de que os negros seriam uma raça inferior ou de pouco valor necessita ser combatida, uma vez que isso impacta a autoestima das crianças (ARAÚJO, 2015).

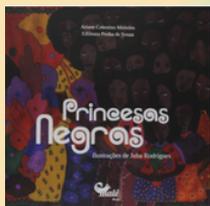
O aspecto histórico tem a ver com a cultura negra, a qual necessita ser disseminada para que as crianças negras se sintam pertencentes a algo que lhes confere identidade e singularidade (FURTADO, 2023). Consoante a BNCC (BRASIL, 2018), as crianças são produtores de cultura e este aspecto deve fazer parte das propostas pedagógicas numa perspectiva antirracista (GOMES; VIDEIRA; SILVEIRA, 2023). Já a participação é um item essencial ao sucesso das atividades escolares, em especial no que tange às relações étnico-raciais.

Embora a superação dos modelos e estereótipos sociais onde o negro é visto como inferior ou subalterno ainda persistam nos dias atuais, é mister que as escolas de educação infantil gradativamente passem a adotar abordagens mais voltadas para o respeito às diferenças e a diversidade

Representatividade



Representação é também construir significados a partir da percepção que o indivíduo tem de si mesmo, e de como o outro o reconhece.



Princesas Negras
Edileuza Penha de Souza
Editora: Malé
22 páginas

As princesas negras estão por toda parte, nas universidades, nas escolas, nas telonas da TV. Elas são lindas, com os cabelos crespos, com tranças. Aprenderam a ser fortes com suas mães e suas avós.

O Pequeno Príncipe Preto vivem em Ubuntu, com sua árvore, o Baobá. Quando chega as ventanias ele viaja por outros planetas espalhando amor e empatia.



O Pequeno Príncipe Preto
Rodrigo França
Editora: Nova Fronteira
32 páginas



Bucala, a pequena princesa do Quilombo de Cabula.
Davi Nunes
Editora: Malé
32 páginas

Bucala é uma princesa do Quilombo Cabula, com cabelo crespo, em formato de coroa. Ela aprendeu toda a sabedoria dos reinos africanos com o sábio ancião Bem-preto-de-barbicha-bem-branca

As DCNEI afirmam que as instituições infantis precisam fomentar o acesso as vivências e ao conhecimento das crianças às manifestações e tradições culturais brasileiras (BRASIL, 2009).



**P
r
a
t
i
q
u
e**

- ✓ Mostre imagens de príncipes e princesas reais
- ✓ Mostre uma África real, não antiquada.
- ✓ Construa fantoches a partir de personalidades negras reais
- ✓ Permita a representação a partir das concepções das crianças.

MANIFESTAÇÕES CORPORAIS



Diferentes manifestações corporais afro-brasileiras são heranças africanas. A Coletânea Uniafro: práticas pedagógicas em educação para as relações étnico-raciais na educação básica (2021) relaciona essas manifestações, possibilitando o conhecimento, a disseminação afirmativa e a utilização na Educação Infantil. Assim, descritas:

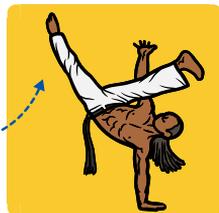


Jongo

de origem africana, utilizada como meio de comunicação, para expressarem suas tristezas e sofrimentos.

É uma forma de expressão cultural que mistura dança, luta, música, jogo.

Capoeira



É uma dança associada à capoeira e ao culto aos orixás, é uma variante do samba. É tocado com pandeiros, atabaques, berimbaus, chocalho e viola;

Samba de Roda



BNCC

Práticas associadas ao campo de experiência:
Corpo, gestos e movimentos.

Estratégias práticas para a EREER na Educação Infantil



Reconhecer a descendência e elementos da cultura africana.



Use mapas e imagens
ressaltando
nossas origens africanas

Mostre os diferentes
povos que compõem
o população brasileira;



Proponha a construção
de autorretrato no
papel, em massinha,
argila e pano;

Reconhecer cultura e arte africana



Exposição de desenhos

Explore a simbologia das árvores na cultura africana: Mulemba, Baobá, as árvores mais sábias do mundo. Iroko a árvore do tempo.

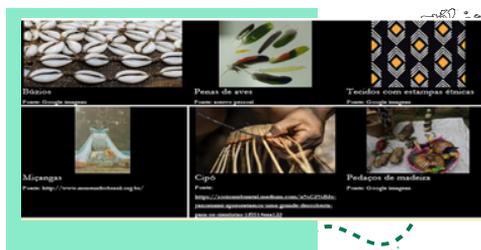


Cante com as crianças a música Taa Taa Tee, originária do País de Gana:
Taa taa tee (som sem significado verbal)
Ie ie ie (som sem significado verbal)
Kaa fo ama (A vovó vai voltar logo)
A ia vuzio (não chore mais).

Cante também

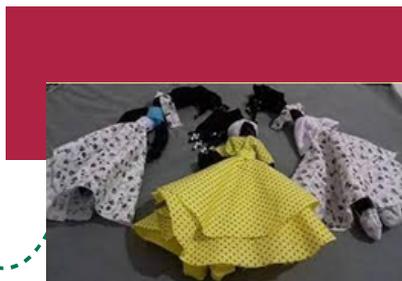


Fortalecer as nossas raízes africanas.



Confeccionar um tapete tátil com búzios, pedaços de madeira, miçangas, penas de aves, cipó.

Explore formas, cores e texturas confeccionando ABAYOMI.



Conheça a história



Confeccione um caxixi, instrumento musical africano.



Saiba mais:



<http://plone.ufpb.br/labeet/contents/acervos/categorias/idiofones/caxixi>

Conhecer a origem do povo brasileiro.



As **máscaras africanas** são a representação do sagrado para muitos africanos, era entendida como meio de ensinamento e motivação da existência cotidiana e metafísica do homem, a quem explicava o sentido da vida e indicava a posição correta no seio do grupo (MONTI: 1992, p. 23).

Use uma caixa de música para apresentar a cultura africana.



Atente-se as diferentes tonalidades de pele para trabalhar essa temática com as crianças, afim de que compreendam que são diferentes entre si, mas que as características de cada um devem ser respeitadas.

NÃO REPLIQUE ESTERÉOTIPOS

★
FAÇA ASSIM



Foto: <https://www.educab.com.br/realizar-o-cabelo-alto-este-la/>

NÃO FAÇA ASSIM



Fonte: <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/cabelo-bombri-negros/>



Foto: Fotos Arquivo pessoal de OMSI Dr. Cláudia Santos



Foto: <https://www.globo.com.br/saga-mulher-black-que-o-mulher/>

Construa um cartaz com imagens da África atual.



Foto: Arquivo Pessoal

Considerações Finais

O presente material tem como intuito sugerir uma série de atividades que possam facilitar o trabalho docentes relacionado com as relações étnico-raciais na educação infantil. Esperamos que este guia educacional envolva as práticas pedagógicas antirracistas, desenvolvendo os direitos de aprendizagem, as habilidades reflexivas, estimulando a interação, argumentação e senso crítico dos alunos.

É conveniente esclarecer que as atividades aqui sugeridas podem ser adaptadas conforme a realidade de cada escola, além de destacarmos que as propostas são resultados apontadas na pesquisa de dissertação *Práticas Pedagógicas para as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil*, sugeridas por pesquisadoras, tais como: afroambientes, afroliteraturas, danças, jogos, imagens e reconhecimento da contribuição do negro na construção e História do Brasil, proporcionando afirmação e implementação da Lei 10.639/03.

Para que a Lei seja implementada e conseguirmos construir uma sociedade livre do racismo e preconceito, que essas práticas estimulem você professor a ir além, atuando com criatividade, afetividade, ludicidade que já são ações do seu cotidiano.

Referências

ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. C. **Infâncias em Educação Infantil. Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 179-197, set./dez. 2009. Disponível em: . Acesso em: 04 de mai. de 2023.

AGUIAR, D.R.C. A práxis pedagógica na educação ambiental crítica: potencialidades em diferentes contextos. **Concillium**, v.23, n.7, p.354 – 359, 2023.

ARAÚJO, M. **Infância, educação infantil e relações étnico-raciais**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BARBOSA, J. S. **A identidade da criança negra na educação infantil: representações a partir dos brinquedos e brincadeiras**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores). Universidade Estadual da Paraíba, 2019.

BENTO, M. **Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil**. São Paulo, CEERT, 2011.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2003.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil.** Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de Dezembro de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

CARDOSO, C. **Branquitude Na Educação Infantil: Um Estudo Sobre a Educação Das Relações étnico-raciais Em Uma Unidade Educativa Do Município de Florianópolis.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

DAMACENO, F.L.O.; ANJOS, J.H.R.; ARAUJO, E.M. Relações étnico-raciais na educação infantil: um diálogo possível. **Revista Uniaraguaia**, v.18, n.1, p.12 – 20, 2023.

DIAS, L. R. **Três Escolas, Uma Questão, Muitas Respostas.** Cuiabá: UFMAT: 1997.

FURTADO, M.G.F. **As relações étnico-raciais no ensino de Matemática: um estudo com professores dos anos finais do Ensino Fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

GODOY, E. A. **A Representação Étnica Por Crianças Pré-escolares: um Estudo De Caso a Luz Da Teoria Piagetiana**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

GOMES, C.C.; VIDEIRA, P.L.; COUTINHO, A.S. Marabaixo como componente didático-pedagógico para a significação positiva de identidade racial da criança negra. **Educação em Revista**, v.24, n.1, p.31 – 50, 2023.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes nas relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: GOMES, N. L. (Org.). **Educação antirracista: caminhos abertos pela lei federal no 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC-SECAD), 2005.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: . Acesso em 28 mai. 2023.

HELLER, A. **Sociología de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 1977.

MELO, C. S. de. **Escrevivendo-me Negra: práticas pedagógicas afrofemininas**. Dissertação (Mestrado em Ensino e Relações Étnicas Raciais). Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, 2020.

MONTI, F. **As máscaras africanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NÓVOA, A. **Devolver a formação de professores aos professores**. Cadernos de Pesquisa em Educação, v.18, n. 35, p. 11 – 22, 2019.

OLIVA, A. R. **O ensino da história da África em debate : uma introdução aos estudos africanos**. In: RIBEIRO, Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro et. al (orgs.). História e cultura afro-brasileira e africana na escola. Brasília: Ágere, 2008.

OLIVEIRA E.; ROSEMBERG F. **Relações Raciais Nas Creches Diretas do Município de São Paulo. Dissertação** (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.



PARRACHO, F.G.F. **Vivências pedagógicas e motivação de leitura: a consciência fonológica na primeira infância.** FESA, v.3, n.5, p.76 – 88, 2023.

PEREIRA, S. S. **A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com palavra as crianças “eu so peta, tenho cacho, so lindam ó!”.** f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

PESSOA, F.L.; AVES NETO, F.R. Desvelando o preconceito racial no ensino infantil. **Revista em Favor da Desigualdade Social**, v.2, n.1, p.71 – 84, 2019.

ROCHA, F. R. L. da; COSTA, R. S. da; FRANÇA, J. S. (orgs). **Coletânea Uniafro: práticas pedagógicas em educação para relações étnico-raciais na educação básica.** Rio Branco: Edufac, 2021. E-book (244 p.). Disponível em:

<http://www2.ufac.br/editora/livros/ColetneaUniafropticaspedaggicasemeducaodasrelaestnicoraciaisnaeducaobsica.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2023.

ROCHA, R. M. C. . A Lei 10.639 e o Cotidiano Escolar. **Revista Eparrei (Santos)** , v. anov, p. 19-20, 2006.

SANTANA, C.S.A.; NOGUEIRA, I.S.C. Concepções e práticas pedagógicas de professoras de educação infantil diante da educação para as relações étnico-raciais. **Zero-a-Seis**, v.25, n.47, p.157 – 181, 2023.

SILVA, K. B. da. **Descolonizar e afrocentrar a educação infantil: corpo negro e cabelo crespo nas experiências e narrativas de crianças e professoras.** f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022.

SOUSA, M.G. A relevância de trabalhar questões étnico-raciais na educação infantil. **Revista Gestão & Educação**, p.69 – 78, 2023.

 SOUZA, E. G. L.; DIAS, L. R.; SANTIAGO, F. Educação infantil e desigualdades raciais: tessituras para a construção de uma educação das/nas relações étnico-raciais desde a creche. **Humanidades & Inovação**, v. 4, n. 1, p. 46-55, 2017.

TRINIDAD, C. T. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaço de educação infantil**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

VANZUITA, S. **Relações étnico-raciais: orientações, leis e práticas nas instituições de educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.



